

**INSTITUTO FEDERAL**  
Ceará

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO  
Campus Caucaia



**II ENCONTRO PARA  
ESTUDOS AFROBRASILEIROS  
E INDÍGENAS DO IFCE**



Caucaia, 2016.

# EQUIPE ORGANIZADORA

## **Coordenação Geral**

- Andréa Acioly Maia Firmo (Psicóloga do campus de Caucaia)
- Andrea Santana de Freitas (Programadora Visual)

## **Apoio à Coordenação**

- Agebson Rocha Façanha (Professor do campus de Acaraú/ coordenador de projetos especiais da PROEXT)
- Bruno Duarte Maia – estudante do campus de Caucaia
- Brenno Henrique Miranda - estudante do campus de Caucaia
- Guilherme Júlio da Silva (Interprete de Libras da PROEXT)
- José Adélio Cavalcante Rodrigues - estudante do campus de Caucaia
- Patrícia Fernandes de Freitas (Assistente Social da PROEXT)

## **Relatoria**

- Agebson Rocha Façanha
- Ana Claudia Uchôa (Pedagoga da PROEN)
- Andréa Acioly Maia Firmo (Psicóloga do campus de Caucaia)
- Guilherme Julio da Silva (Interprete de Libras da PROEXT)
- Maria Jucilene Borges de Souza (Ex- Estagiária de Serviço Social da PROEXT)
- Patrícia Fernandes de Freitas (Assistente Social da PROEXT)
- Rafaela Sampaio de Oliveira

## SUMÁRIO

Dados Gerais .....	04
Apresentação .....	04
Relatos dos Momentos .....	05
Avaliação Pelos Participantes .....	19
Outras Fotos do Evento .....	21
Anotações .....	22

# 1. DADOS GERAIS

**Local do evento:** Caucaia

**Total de campi participantes:** 12 Campi. Acaraú, Aracati, Boa Viagem, Reitoria, Baturité, Fortaleza, Caucaia, Canindé, Umirin, Itapipoca, Cedro, Umirim.

Total de servidores participantes: 28

Total de estudantes participantes: 120 (em alguns momentos)

Total de pessoas externas ao IFCE: 46

# 2. APRESENTAÇÃO

O II Encontro para Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, realizado pelo campus de Caucaia em parceria com a Pró-reitoria de Extensão-Proext do IFCE, teve por objetivo fortalecer as ações dos NÚCLEOS DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS (NEABIs) nos campi do IFCE e elaborar o regimento para implementação dos mesmos.

Contamos com a presença de aproximadamente 194 participantes, com a representação de 12 campi do IFCE, com a participação de 46 estudantes, 28 servidores (as), 46 membros de outras instituições e entidades sociais, dentre elas: Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Associação dos Professores Indígenas Tapebas (APROINT) e membros das comunidades de Caucaia.

As mesas redondas apresentaram discussões sobre os seguintes assuntos: cultura e educação indígena e quilombola e pertencimento étnico. Foram realizadas quatro oficinas com as seguintes temáticas: árvore dos afrosaberes, pintura corporal indígena, culinária e sustentabilidade, pano de pente e oficina de turbantes.

Ademais, tivemos vivência na comunidade indígena, vários momentos culturais, lançamento de livro e discussão de encaminhamentos do regimento dos Neabis. Portanto, foi um momento impar para fortalecer o debate e o nosso papel enquanto instituição educacional.

## 3. RELATOS DOS MOMENTOS

### 3.1- 1º Dia- 03 de novembro de 2016- Manhã

- **Credenciamento e Mesa de Abertura**

**Foto 1-** Colaboradores (as) do campus



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

**Foto 2-** Mesa de Abertura



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

**Foto 3-** Fala da Pró-reitora de extensão na Mesa de abertura



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

**Foto 4-** Apresentação Cultural- Representantes da comunidade indígena de Caucaia



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

- **Mesa Redonda:**

A Re - invenção cultural das comunidades tradicionais com símbolos indígenas e quilombolas de Caucaia.

## 1ª Expositora - Leticia Pequeno – Pesquisadora do NUAFRO – UECE

Foto 5- Exposição de Leticia Pequeno



Fonte: Arquivos da PROEXT

Pontos marcantes em sua fala –

- 14 etnias indígenas – O que fazem? O que querem? Continuam a viver sob o espectro da invisibilidade;

- Transversalidade das relações étnico-raciais em todas as políticas – negros e índios, entre outros, têm necessidades que precisam ser contempladas pelas políticas públicas;

- Criação de laboratório, nas instituições de ensino, para que se possibilite ir além do campo teórico nas discussões acerca das questões afro-brasileiras e indígenas;

- Necessidades urgentes:

- Desmistificar o discurso de que não há negro no Ceará;
- Contemplar a diversidade dos arranjos familiares;
- Discutir sobre as desigualdades sociais em Fortaleza;
- Atentar para o Mapa da violência – incidência de violência e homicídios contra as mulheres negras;
- Considerar a realidade de que o jovem negro tem medo de morrer pelo tráfico ou pela polícia.

- Sugestão de livro: Rotas Críticas das Mulheres Sateré-Mawé no Enfrentamento à Violência Doméstica: Novos Marcadores de Gênero no Contexto Indígena;

- Convite à participação no II Seminário de Política de Ações Afirmativas (09/11/2016 – UNILAB).

Falou que o NUAFRO é vinculado ao LABVIDA.

Trouxe a necessidade de discussão do conceito plural de família.

## 2ª Expositora - Professora Sandra Petit – UFC

- Exibição do vídeo “Gritaram-me negra!”, de Victória Santa Cruz;

- Afirmção do desconhecimento acerca de nós mesmos e de como isso tem sido útil ao estado atual das coisas;

- Pensar no extermínio do negro também no plano simbólico – reverter para se afirmar;

- Necessidade de saber quem somos nós, num contexto de retiradas de direitos;

- Independentemente do contato político, as instituições de ensino devem continuar a trabalhar contra o racismo;

- É preciso ter um trabalho pedagógico específico, para que as pessoas reconheçam seu pertencimento;

- Pensar na Pretagogia – considerar os referenciais das matrizes africanas.

- Pensar no corpo:

- Relação com a natureza;
- Corpo como fonte de conhecimento;
- Senhoridade – respeitar quem está há mais tempo no planeta, a sua trajetória, o seu conhecimento;
- Ancestralidade/Linhagem;
- Relação comunitária – perceber-se em meio às redes tecidas socialmente;
- Tradição Oral;
- Alacridade (fazer as coisas com seriedade) - Muniz Sodré;

- A academia nem sabe da mais antiga universidade, que é africana (fica no Mali). Na verdade, desconhecemos a história da África.

\*Por isso, a função do NACE é de procurar:

- Trabalhar nas escolas com as cosmovisões Africanas: aprender cantando, dançando e produzindo música, para contribuir com a mudança de mentalidades.

### **3ª Expositora – Maria do Carmo- Representação do Neabi – IFCE – Campus Acaraú**

- Escola Indígena Tremembé - Centralidade do povo Tremembé;

- IFCE Campus Acaraú: Atende a discentes indígenas também;

- É preciso observar o contexto:

Acaraú:

- 1 escola - Aldeia da Telha
- 1 escola - Aldeia de Queimados

Itarema: 7 escolas indígenas

\*Todas credenciadas em 2016, pelo CEC.

- Necessidade de Formação de professores Tremembé – Curso de formação intercultural: Magistério indígena de nível médio e Magistério indígena de nível superior;

- Ações do NEABI do Campus:

- I Mostra Tremembé;
- Projeto PAPEX contemplado;
- Projetos de extensão;

- Pensar no Conhecimento recusado – lesivo para os indivíduos que têm um conhecimento e não podem externá-lo, por serem inferiorizados na sociedade;

- Não se deve tratar os sujeitos das comunidades tradicionais como objetos de pesquisa. Eles devem ter a representatividade respeitada;

- Nos cursos de formação de professores (Licenciatura em Física ou Química) do IFCE, pensar em disciplinas obrigatórias que contemplem as ciências dos povos tradicionais.

#### **Debate/Reflexões:**

- **Claudia**- falou da necessidade de reinventar as ações. Ressaltou que as comunidades estão cansadas de serem objetos de pesquisa.

- **Sinara**- falou da importância dos encontros para o fomento das ações.

- **Daniel**- estudante de Caucaia- ressaltou a importância das cotas para se fazer reparação.

#### **Final da Manhã- OFICINAS**

- **OFICINA PANO DE PENTE**

Facilitadora: Cláudia Oliveira

Cláudia apresentou o pano original de Guiné Bissau, feito pelos homens com acabamento das mulheres. Explicou que as estampas são exclusivas de cada família.

Apresentou vários modelos de panos de pentes e depois falou sobre o casamento no continente africano.

Explicou que o pano é constituído por no mínimo 4 bandas e no máximo 12 ou 13.

A ONG Arte e Sal busca a quebra da barreira de que só os homens produziam.

Após as explicações, Cláudia nos passou o exercício de pintar o pano de pente, pensando na nossa infância, na nossa negritude para apresentar o parangolé no dia seguinte.

- **OFICINA DE TURBANTES**

Facilitadora: Francisca Senna

A facilitadora iniciou a oficina tecendo um breve resgate acerca da cultura africana e afro-brasileira, ressaltando a beleza, riqueza e resistência. Ressaltou ainda o cuidado que se precisa ter ao mergulhar nessa apropriação cultural, evitando meros modismos.

Posteriormente provocou os participantes, questionando: “Quem é negro? Quem é racista? Vivemos racismo?”. A segunda pergunta foi a mais polêmica e a facilitadora pontuou diversos elementos sobre o ser racista e as desigualdades e violências de um cenário que vai além do preconceito.

Posteriormente, foram distribuídas algumas frases racistas para leitura e reflexão coletiva. Foram algumas delas: “É negro, mas é bonito. É negro, mas é inteligente”; “Eu não sou racista, mas não aceito o casamento do meu filho com uma negra”.

Nas discussões também foram abordados pontos como a cordialidade no nosso racismo; a exploração sexual de mulheres negras e as cotas como reparação histórica.

Na sequência, a facilitadora ressaltou que apesar de todo esse massacre, há muitas resistências e belezas no continente africano, representados nos tecidos coloridos (capulanas). As capulanas são repassadas hereditariamente e utilizadas na confecção de saias, aparadores de crianças e turbantes.

Os turbantes não são provenientes somente da África. No candomblé, são utilizados como símbolo

de proteção da cabeça. Podem ser feitos com qualquer tecido, inclusive vestidos antigos. A facilitadora espalhou tecidos diversificados pela sala e foi orientando o passo-a-passo da construção de três modelos. Findou a oficina agradecendo a todos (as) e afirmando: “usar turbante não é uma coisa mecânica”.

Também aconteceram as oficinas de PINTURA CORPORAL e de YOGA AFRICANA, mas, infelizmente, não temos registros das mesmas.

### 3.2- 1º Dia - 03 de novembro de 2016- Tarde Vivência No Terreiro Pau Branco- Comunidade Tapeba.

A proposta dessa atividade era para ter uma imersão cultural na comunidade Pau Branco, portanto é importante esclarecer que este relato não vai tratar somente de uma visita técnica ao território indígena, apesar de trechos mais detalhados no decorrer dessa relatoria sobre isso.

No período da tarde um grupo de 39 pessoas, sendo 31 servidores (as) de diversos campi, 3 bolsistas do campus Canindé, 1 moradora da comunidade com suas 3 filhas e o motorista, foram a comunidade Pau Branco do povo Tapeba.

Chegando ao destino, tivemos que fazer um pequeno trecho do deslocamento a pé, cerca de 1.4km, numa estrada de terra, com mata seca. Apesar da vegetação está dessa forma a sensação climática não transparecia um calor excessivo, provavelmente, decorrente da proximidade com a lagoa que as pessoas da região utilizam, tanto para o lazer como para a pesca.

Na aldeia, o grupo foi recepcionado pela descendente de pajé Margarida (50 anos) e sua filha (19 anos), que convidaram os presentes a conhecerem a oca dela, ambas utilizando acessórios indígenas característicos de sua cultura, como cachimbo, cocar e idiofone. Parte do grupo quis fotografar o momento com a pajé e sua filha e não houve resistência pelas duas.

Em seguida, Margarida convidou os (as) participantes para retirarem os calçados em forma de respeito pela terra sagrada, um ritual do povo Tapeba, mas a Pajé informou ao grupo que não era obrigatório, somente aos que tiverem mais desprendimento. Ela comentou que todos (as) os (as) indígenas da aldeia ao chegar na terra demonstram respeito pela terra e pelos ancestrais que compartilharam o mesmo local, incluindo também os (as) que tiveram as vidas ceifadas pelas invasões e ataques de jagunços as suas terras por ordens dos coronéis, fato que é conhecido na nossa história.

O local têm trezeocas (feitas de barro extraído da lagoa e madeira colhida da vegetação), sendo uma da família de descendente de pajé e outra da juventude, próximo da lagoa que os ancestrais da comunidade Tapeba Pau Branco nasceram e manifesta suas expressões culturais. A aldeia é cercada pela vegetação seca da árvore conhecida como Jurema, é uma vegetação que propicia a comunidade a entrar em contato com sua espiritualidade. A terra é sagrada por todas essas questões apresentadas, além de outros, por exemplo: as águas da lagoa é usada em rituais de passagens dos jovens da aldeia, momento que ocorre nos momentos de festejos e reencontro das comunidades da região.

A descendente de pajé, ainda dentro da oca, relatou os processos históricos, explicando o surgimento de alguns mitos, sobre os quais falaremos durante a relatoria. Dentre suas colocações informou que em 1980 os Tapebas andavam livremente pela região e nesse período a comunidade se relacionava

afetivamente entre si.

Durante o relato explicou o motivo do surgimento do mito de que não existia indígenas no Ceará. Isto surgiu pela afirmação de um senador que defendeu que não existia mais índios na região, justificando que as guerras entre indígenas e posseiros havia causado a extinção dessa população. Nesse período houve uma intensificação da perseguição contra o povo indígena, muitos índios fugiram das suas terras com medo de serem mortos na calada da noite, por conta da tensão e da pressão daquele tempo muitas famílias orientavam aos (às) seus (uas) descendentes a não falar que são indígenas, com receio das retaliações.

Somente em 1985 começou a retomada dos locais tradicionalmente indígenas, mesmo com a reintegração de algumas posses, o prejuízo cultural permanece presente na comunidade, principalmente no tocante aos jovens que têm resistência e valorizam a tradição dos ancestrais do povo Tapeba.

Os (as) indígenas que saem da comunidade para estudar na universidade e em outros países, não retornam, e mesmo quando retornam para a comunidade não têm a mesma relação com os nativos, a impressão é de superioridade por alcançar o sucesso, enquanto que a comunidade permanece sem mudanças significativas (dentro do conceito do indígena que retorna).

A proximidade e influência de outras culturas no meio indígena seduz os mais jovens, outro fator que dificulta a permanências das tradições do povo Tapeba, embora o relato da descendente de pajé demonstre um ar de preocupação com essa temática. Durante o relato podíamos escutar risadas das crianças da aldeia na mata fechada, e o observamos outras próximas e dentro da lagoa durante a vivência.

Os costumes indígenas sofrem com a intolerância religiosa advindas das três igrejas evangélica com membros da comunidade indígena que recriminam os membros da própria família que participam dos rituais de outrora de seus ancestrais.

Apesar da aldeia ser ampla o local é utilizado somente para vivência, festejos de valorização e resgate dos costumes tradicionais e competições esportivas de resistência entre as comunidades indígenas da região. Margarida explicou que não tem indígenas com residência ou utilizado as ocas, todavia o espaço é utilizado diariamente a qualquer momento pelos membros da comunidade, e informou que alguns membros residem próximo das cidades e outros na própria cidade, todavia se reconhecem como descendentes do povo Tapeba.

Para registro, os eventos indígenas ocorrem entre os dias 19 e 20 de novembro, portanto no mês dessa relatoria, e como havíamos mencionado o aspecto vegetativo e o clima, desse período está sendo pensado em sofrer alteração (sem data definida), a ideia é alterar para um período que o clima seja mais agradável, principalmente para favorecer as competições dos jogos indígenas, nesse evento são realizadas competições de arco e flechas, corridas, cabo de guerra e etc.

Os jogos indígenas e eventos indígenas da comunidade contam com parcerias como o SESC, IFCE e outras instituições, principalmente, facilitando traslado das comunidades indígenas de localidades mais afastadas.

A comunidade tendo o processo histórico com diversas intervenções que prejudicaram sua cultura e segregou os habitantes, atualmente enfrenta o problema de pequenos grupos que degradam a natureza, através dos mariscos, não respeitando o período do defeso. Apesar dessa dificuldade, a líder da comunidade tenta enfrentar as problemáticas apresentadas cativando as crianças e jovens da aldeia.

Finalizando nossa visita houve um momento idealizado pela pajé que contou com a participação

de grande parte dos presentes, no qual sentamos em círculo e a pajé passou a entoar cantos indígenas e, no segundo momento, dançamos com passos ritmados pelo toque do tambor puxado pela pajé. Desta forma conseguimos vivenciar a cultura indígena da comunidade.

**Foto 6-** Chegada a comunidade e recebimento de informações pela Pajé



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

**Foto 7-** Vivência de ritual indígena pelo grupo pela Pajé



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

Após a vivência, chegando ao campus tivemos um intervalo cultural e contamos com a participação do grupo de Capoeira da Associação Cultural de Capoeira Liberdade, que tem em sua composição estudantes advindos (as) de escolas públicas do território e faixa etária de 07 (sete) a 30 (trinta) anos, abaixo ilustrada:

**Foto 8-** Grupo de capoeira de Caucaia



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

### 3.3- 1º Dia- 03 de novembro- Noite

Tivemos algumas atividades no turno da noite, com o lançamento do livro “Um Olhar sociopedagógico sobre a africanidade no IFCE”, de Ricardo da Silva Pedrosa e Hamilton Viana Chaves; a exposição de outras publicações relevantes; uma feirinha de produtos artesanais da comunidade e ao final um forró típico com o Mestre Zé de Lourdes. Vejamos as fotos:

Foto 9- Livros expostos



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

Foto 10- Forró Típico



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

### 3.4- 2º Dia- 04 de Novembro– Manhã

#### - Apresentação do resultado das Oficinas

A manhã de sexta foi iniciada com o cântico do hino à negritude e logo após a apresentação dos resultados das oficinas.

- **Oficina Pano de Pente:**

Claudia iniciou sua fala explicando o tema do pano de pente elaborado na oficina do dia anterior “pertencimento afro” e que o pano foi transformado em uma vestimenta chamada parangolé que as pessoas do grupo vestiram e se transformaram em personagens para responder as perguntas feitas coletivamente pela plateia, mas antes contaram um pouco das suas histórias de vida e seu pertencimento afro. O pano de pente é um pano que conta histórias. É um produto didático, construído coletivamente.

**1ª personagem: Força.**

Perguntas feitas a Força:

1ª Qual sua fraqueza força? R: A fraqueza do outro, se o outro está fraco eu fico fraca.

2ª Qual sua virtude? R: O meu pensamento, se o pensamento é positivo coisas boas acontecem.

3ª Qual a sua maior alegria? R: Está com vocês.

4ª Como está se sentindo dentro da vestimenta? R: Querida está de salto alto, mas é confortável.

5ª Qual o seu desafio? R: Lembrar as pessoas do sentimento de igualdade.

**2ª personagem: Mulher de pele branca e pertencimento negro.**

Perguntas feitas a Mulher de pele branca e pertencimento negro.

1ª Como está se sentindo? R: Super empoderada.

- **Oficina de Pintura Corporal:**

Margarida relatou como a tinta é feita, a cor preta com jenipapo misturado a água e que a tinta perdura na pele por aproximadamente 15 dias. E a tinta vermelha com urucum puro. Os desenhos são representações da aldeia, exemplo: pintura de peixes, pedras, árvores, etc.

- **Oficina de Ioga Africana:**

Uma representante explicou que se trata de exercícios de postura e respiração corporal e de empoderamento.

- **Oficina de Turbantes:**

Uma discente relatou que o aprendizado foi além da confecção de turbantes, foi feita uma dinâmica com frases racistas e foi pedido para que as participantes comentassem as frases. Também foi contada a história da origem dos turbantes e por fim foi ensinado a fazer 3 tipos de amarrações de turbantes.

### - Palestra

Interfaces da atuação das comunidades tradicionais indígenas e quilombola no cenário educacional nacional e local: resignificando o pertencimento étnico.

#### **Palestrantes:**

- *Zelma Madeira - Coordenadora Especial de Políticas Públicas do Ceará:*

A professora iniciou sua fala apresentando o porquê das cotas e sua importância como reparação histórica de todas as privações de ensino que os/as negros/as sofreram ao longo dos anos. Assim como ressaltou a importância dos estudos afro e as políticas de permanência desses sujeitos nas universidades, porque não basta ingressar, tem que assegurar a permanência desses estudantes nesses espaços de disputas que são as instituições de ensino.

“No Brasil, pelo decreto nº 1.331/1854, negros e negras não poderiam ser admitidos na escola. Segundo o decreto nº 7031/ 1878, estes só poderiam estudar no período noturno. Verifica-se que o país legitimou leis que proibiam e dificultavam o acesso da população negra na instituição escolar em qualquer nível de ensino. A análise sobre os dados da escolaridade deste segmento se explica também ao levar em conta esse passado excludente e as formas reeditadas de exclusão imersas nas instituições sociais (BRASIL, 2005).”

Ressaltou que vivemos em uma cultura que coloca o indivíduo como culpado de todas as situações, que para enfrentar essa cultura temos que nos empoderar e as universidades são locais de debates, lutas e resignificação de conceitos cristalizados ao longo da nossa formação. Um dos mitos a ser quebrado é que no Ceará não existe nefros. Para quebrar esse mito apresentou os dados das comunidades quilombolas existente no Ceará em processo de titulação avançadas de acordo com o INCRA.

**Tabela 1-** Comunidades quilombolas do Ceará

Nº	COMUNIDADE	MUNICÍPIO	FASE DO PROC.
1	SÍTIO ARRUDA	ARARIPE	DECRETO/IMISSÃO DE POSSE/CCDRU
2	ENCANTADOS DO BOM JARDIM	TAMBORIL	DECRETO/IMISSÃO DE POSSE
3	LAGOA DAS PEDRAS	TAMBORIL	DECRETO/IMISSÃO DE POSSE
4	ALTO ALEGRE	HORIZONTE	DECRETO/AVALIAÇÃO DE IMÓVEIS
5	BASE	PACAJUS	DECRETO/AVALIAÇÃO DE IMÓVEIS
6	BRUTOS	TAMBORIL	DECRETO
7	TRÊS IRMÃOS	CROATÁ	DECRETO
8	SERRA DOS CHAGAS	SALITRE	PORTARIA
9	MINADOR	NOVO ORIENTE	KIT PORTARIA

Fonte: Zelma Madeira

**Tabela 2-** Povos indígenas no Ceará.

TAPEBA	7.652	Caucaia	7.652
TREMEMBÉ	3.532	Acaraú Itarema e Itapipoca	290
PITAGUARY	4.319	Maracanaú Pacatuba	3.274 1.045
JENIPAPO- KANINDÉ	386	Aquiraz	386
TAPUYA-KARIRI	658	São Benedito	658
POTYGUARA	2.691	Monsenhor Tabosa Novo Oriente Tamboril	2.209 372 110
TABAJARA	4.619	Crateus Monsenhor Tabosa Poranga Quiteranópolis Tamboril	1.050 1.401 1.435 412 162
KANINDÉ	1.126	Aratuba Canindé	1.023 103
GAVIÃO	78	Monsenhor Tabosa	78
KALABAÇA	272	Crateús Poranga	170 204
TUPINAMBÁ	23	Crateús	23
KARIRI	170	Crateús	170
TABADOS ANACÉ			
TUBIBA-TAPUYA	217	Monsenhor Tabosa Boa Viagem	62 155

Fonte: Zelma Madeira

E ressaltou a importância do IFCE trabalhar em conjunto com essas comunidades, pois em sua maioria os campi estão localizados dentro dos territórios indígenas e quilombolas. Colocou que os NEABIs tem o papel de resignificar os papéis historicamente construídos que colocam os/as negros/as e índios/as em papéis subalternos.

Mostrou marcos legais como base de luta em tempos adversos com essa desconstrução dos direitos com a PEC 241. Lembrou que a lei de terras também ampara as comunidades tradicionais e os povos

de terreiro. Apresentou algumas legislações importantes:

- Estatuto da Igualdade Racial lei 12.288 de 20 de julho de 2010;
- 10.639/2003 que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos escolares;
- a lei 11.645/2008 que torna obrigatório o ensino da cultura e história Africana, Afro-brasileira e Indígena;
- Diretrizes curriculares nacionais para a Educação nas Escolas Quilombolas e para a Educação nas Escolas Indígenas;
- Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) que trata da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais;
- Para além dos conhecimentos promovidos sobre a história e cultura Afro-brasileira e Indígena, as leis 10.639/03 e 11.645/08 permitem aos alunos, negros e indígenas, modelos identificatórios que fortaleçam suas identidades e autoestima, que se percebam como parte de um grupo, coletivo e comunidade.

#### **Ações valorativas**

- **Lei nº 11.645/08**, que inclui no currículo oficial das escolas de educação básica os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e indígena.
- Estas duas políticas objetivam desmistificar a figura dos negros e índios no imaginário social brasileiro, como povos despossuídos, sem história, cultura e conhecimento. O ensino da história e cultura destes povos fomenta desejos e interesses de estudos sobre a vida e a realidade atual e do passado destes grupos étnico-raciais.

#### **Educação Superior – Lei 12.711/2012**

No ensino superior também foram criadas as medidas e as leis de ações afirmativas uma delas é a lei de cotas como reparação histórica para esse público que historicamente foi negado todos os direitos.

- As ações afirmativas implantadas em cursos superiores, também tem ampliado a oportunidade de ingresso da população negra e indígena nas universidades.
- Com cursinhos pré-vestibulares, bolsas de estudo e a reserva de vagas com parâmetros étnico-raciais. Estas ações permitem o ingresso e a permanência destes alunos (as) na universidade.
- Este ingresso e permanência, para além de fortalecer estes grupos com conhecimentos e capital simbólico, permite um embate entre os conhecimentos fundados em modelos epistemológicos ocidentais europeus, que se pretendem hegemônicos, a outras epistemologias, como Africanas e Latino-americanas, que retratam a nossa realidade e compreensão de mundo.

#### **O que são e o que fazem os NEABIs?**

- Destina-se prioritariamente a coordenar, desenvolver, orientar e executar estudos, pesquisas e atividades de ensino e extensão sobre as populações negras e povos indígenas e tendo as seguintes áreas de atuação:
- Relações Etnicorraciais;
- Identidade, Territórios;
- Educação, Ações Afirmativas;
- Direitos Humanos, Movimentos Sociais, Violência;
- Gênero, Corpo, Geração;

- Saúde da População Negra;
  - História, Literaturas e Narrativas Negras;
- Estudos sobre África e Diáspora Africana;
- Racismo e da exclusão dos afro-brasileiros do ensino superior público apresente-se modificada contemporaneamente se comparada àquela existente até meados dos anos noventa do século passado;
  - Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs) que, junto a outras forças sociais progressistas, vêm tentando modificar essa situação- protagonismo;
  - Têm desempenhado um papel ativo e fundamental na implementação dessa leis – 10.639/2003 e 11.645/2008;
  - Entendemos que as universidades, os institutos federais de educação, ciência e tecnologia, se constituem como locus privilegiado de formação de professores, nas suas dimensões inicial e continuada e que precisam fazê-lo na perspectiva da Educação das Relações ÉtnicoRaciais (ERERs);
  - Criação de políticas institucionais de permanência, apoio, acompanhamento e assistência estudantil que possibilitem aos estudantes concluírem, com sucesso, suas carreiras acadêmicas (PACE, SILVA, SISS, 2010).

Os NEABIs são de extrema importância, pois difundem discussões pertinentes a toda a sociedade e que por muitos anos foram invisibilizadas. A luta desses povos não é recente, é uma luta desde colonização, desde escravidão, entretanto só tomou formato de movimento social no século XX. Diante desse cenário precisamos nos unir para que não exista o genocídio da juventude negra, indígena, das comunidades tradicionais e de povos de terreiro.

• **Margarida Teixeira - Pres. da APROINT:**

Iniciou sua fala ressaltando mais uma vez a questão do território e da importância sagrada da terra. Colocou também mais uma vez as modificações dos (as) índios (as), com a interação de índios (as) e não índios (as) muitos valores foram incorporados da sociedade moderna, mas continuam índios. Colocou que em um país que surgiu com o intuito de eliminar os índios realmente tem muitas dificuldades de conviver harmonicamente com eles (as).

Outro ponto importante levantado foi sobre a Educação Indígena, relatou que os (as) Tapebas foram a 1ª etnia a lutar pelo reconhecimento enquanto índios. Citou como foi difícil os tempos de escola por conta do preconceito sofrido. Por isso, lutou e ainda luta tanto pela escola diferenciada para os (as) indígenas. Hoje são 13 escolas diferenciadas entre municipais e estaduais. Ressaltou, também, a importância de cursos específicos para os professores indígenas (tanto de formação quanto de aperfeiçoamento). Sempre lembra que tudo que eles (as) tem hoje é fruto de muita luta e resistência tanto para conseguir o direito à terra como o direito a educação.

Colocou o quanto foi difícil os anos 1990, a necessidade de resistência e afirmação da identidade indígena, foi necessário todo um resgate cultural para que a identidade deles (as) não se perdessem.

• **Filipe Pinheiro Rodrigues – GEPE:**

Iniciou sua apresentação mostrando dois vídeos do projeto de pesquisa realizado com a

comunidade quilombola da Serra do Juá, 2015. O intuito da pesquisa e do vídeo era mostrar um Ceará que não aparece no discurso oficial, mas que existe. Com isso, a dissertação dele tinha por objetivo mapear as Políticas Públicas para Educação Escolar Quilombola no Ceará: da legislação às escolas. Coloca a importância da desconstrução do mito que no Ceará não existe índios e a cristalização da imagem de índio como a 500 anos atrás. Coloca que apenas com a constituição de 1988 que se tem uma nova imagem dos quilombos. Nova noção de quilombo moderno:

consistem em grupos\* que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio.” (ABA, 1994) “grupo étnico” (BARTH, 1997): “autoidentificação” Convenção nº 169 da OIT, 1989.

Relata que as escolas quilombolas surgiram em 2013 e foi criada toda uma legislação para orientar e regularizá-las. A resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012 define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Em seu artigo 1 estabelece que:

IV – deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas ... como quilombolas ..., bem como por estabelecimentos de ensino ... que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas.

E em seu artigo 9º estabelece no que compreende a Educação Escolar Quilombola:

I - escolas quilombolas;

II - escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas.

Parágrafo único.

Entende-se por escola quilombola aquela localizada em território quilombola. ...”

**Tabela 3-** Mapeamento das escolas, segundo SEDUC

*Estado do Ceará*  
*Secretaria da Educação*  
*Coordenadoria de Avaliação e Acompanhamento da Educação*  
*Célula de Estudos, Gestão de Dados e Disseminação de Informações Educacionais - CEGED*

Crede	Município	Dependência Administrativa	Localização	Escola
Ceará				Total
1	AQUIRAZ	MUNICIPAL	RURAL	GOIABEIRAS CRECHE DAS
1	AQUIRAZ	MUNICIPAL	RURAL	JOSE RAIMUNDO DA COSTA EMEF
9	PACAJUS	MUNICIPAL	RURAL	RAIMUNDO AUGUSTINHO EEF
9	HORIZONTE	MUNICIPAL	RURAL	OLIMPIO NOGUEIRA LOPES EMEF
9	HORIZONTE	MUNICIPAL	RURAL	CEI MARIA JOSE ALVES DA SILVA
9	HORIZONTE	MUNICIPAL	RURAL	FERNANDO AUGUSTO NOGUEIRA EMEF
9	HORIZONTE	MUNICIPAL	RURAL	MARIA TEODORA EVANGELISTA COSTA EMEF
13	CRATEUS	MUNICIPAL	RURAL	EXPEDITO LEITAO VERAS ESC DE CIDADANIA
18	CRATO	ESTADUAL	URBANA	ESCOLA SESI HERMENEGILDO DE BRITO FIRMEZA-EDUCAÇÃO BÁSICA
20	PORTEIRAS	MUNICIPAL	RURAL	EEF ANTA TAVARES PINHEIRO
20	PORTEIRAS	MUNICIPAL	RURAL	E.E.F MARIA PINHEIRO CARDOSO

Fonte: SEDUC/Coave/Ceged/Educenso 2007.

Em 2013, também surge uma célula dentro da SEDUC para cuidar das escolas indígenas e do campo. Entretanto, ainda são, em sua maioria, escolas de nível fundamental. Por isso, o movimento precisa de visibilidade, pois ainda existe uma carência muito grande de escolas de nível médio e formas de assegurar vagas nas universidades.

## Debate

**Cláudia:** Ressalta a importância de respeitar as comunidades pesquisadas<sup>1</sup>, pois pesquisadas

<sup>1</sup> Pessoas da plateia ressaltaram que existe uma legislação sobre as devolutivas para as comunidades pesquisadas.

equivocadas trazem visões desrespeitosas e falsas a respeito das comunidades e isso traz consequências sérias para seus moradores.

**Nara:** Coloca que a desvalorização do índio começa quando as crianças são ensinadas que o Brasil foi descoberto, sendo que não foi, pois quando chegaram aqui já havia moradores.

**Atemizia:** Perguntou se o professor Felipe em seus estudos criou alguma política? E pediu para a profª. Zelma pontuar estratégias para a descolonização. **R. Felipe:** Todos os estudos podem ser subsídios para elaboração e implementação de políticas públicas efetivas para as comunidades.

**Discente:** Questionou se existe interesse da SEPRIR e do MEC de implantar pequenos NEABIs nas escolas de nível médio?

**Zelma:** Nas intervenções finais coloca mais uma vez a tensão de poder, a luta constante dos movimentos e a tensão de projeto de nação que regi a educação. Sobre a descolonização as estratégias giram em torno da construção do conhecimento, os professores/as tem que sempre está chamando a atenção dos discentes para a desconstrução dos papéis historicamente construídos em torno desses públicos. Empoderamento dessa população, ocupação dos espaços de direito e fortalecimento dos movimentos sociais são de extrema importância para essa descolonização.

**Margarida:** Sobre os cursos específicos coloca que foram criados por conta da necessidade de formação de novos (as) professores (as) para as escolas indígenas.

Os (as) pesquisadores (as) têm que entender que as comunidades não são objetos e as lideranças têm que estar atentas as leis para que possam exigir os retornos e para entender também que a comunidade é sujeita e não objeto de pesquisa (não sei quem foi, mas achei importante colocar).

### 3.5- Dia- 04 de Novembro –Tarde

#### Discussão do Regimento em Plenária

Patrícia procedeu a leitura de uma minuta do regimento elaborada pela equipe da coordenação de projetos especiais da PROEXT.

Sinara (Acará) fez destaque do cap. II artigo 1º - sugeriu mudança para ao invés de “África” colocar “africanidades”. O que foi APROVADO pelo grupo.

Também, a troca do termo “pautado” por haverem outras legislações complementares, municipais, estaduais. Sugere que sejam incluídas as diretrizes curriculares das relações étnico-raciais nos marcos legais. APROVADA.

No Cap. Art. 4º, inciso I – a Proposta da Sabrina foi que fosse colocada “ações inter e multi disciplinares.” Patrícia sugeriu o termo “ações integradas e articuladas” ou mantem como está. Aprovado: ações integradas e articuladas.”

Sabrina sugeriu incluir o termo “TÉCNICA OU CIENTÍFICAS” APROVADO.

Ana Uchôa sugeriu inserir “grupos de convivência e de estudos e pesquisas, com participação dos membros das comunidades, servidores e estudantes.”, sendo APROVADO.

Cap III Art.4º Inciso XIV acrescentar a palavra “ciência”. Aprovado pelo grupo

No Cap. III Art. 11º Patrícia Freitas (Reitoria) sugeriu acrescentar a palavra Inclusão Social e foi

aprovado pela plenária.

Ana Cristina de Aracati sugeriu no Cap. III do Art. 12º que fosse adicionado como período, mínimo, bimestrais ao invés de “periodicamente”.

Enilce de Umirim lembrou que no parágrafo primeiro do artigo 16 deve-se incluir “indígenas”.

No artigo 17º foram feitas algumas sugestões: Que tenha no mínimo quatro pessoas. Luiza (comunidade) sugeriu que fosse alterado “adesão voluntária” por “livre adesão.” APROVADO após discussão entre três ou cinco pessoas. A ideia era formalizar o mínimo de pessoas.

Artigo 23, parágrafo único – SUPRESSÃO – Pedido de retirar o texto “não havendo equipe técnica especializada” por entende-lo como restritivo. Submetido a votação. APROVADA A ALTERAÇÃO.

No CAPITULO V, ARTIGO 24º. inciso IV – Patrícia sugeriu Trocar a palavra “presidir” por coordenar. Aprovado.

Sabrina sugeriu no inciso VIII do artigo 24º–alterar para semestral a entrega do relatório, que o grupo concordou.

No inciso IX do artigo 24º – Patrícia e Sinara concordam que é Papel da PROEXT promover essa integração ou ao menos apoiar essa integração junto aos coordenadores. Aprovada alteração.

No inciso XI do artigo 24º – Reforçar a contabilização da carga horária do servidor. Do mesmo modo nos incisos que citam carga horária do vice e secretário.

SEÇÃO III ART 26º, inciso II Ana sugeriu incluir “em meio digital e impresso”.

Art 28º alterar para “plano de ação integrado (Sinara - Acaraú).”

Art 37º Patrícia Freitas (Reitoria) sugere supressão do “condicionado à disponibilidade da gestão.”

Art 39º – Suprimir os “softwares” já que dizem respeito ao regulamento dos NAPNE. Aprovada a supressão.

Art 42º e 43º – Sinara (Campus Acaraú) sugeriu consultar o jurídico quanto aos termo correto: regimento ou regulamento.

## 4. AVALIAÇÃO PELOS (AS) PARTICIPANTES

Dentre os (as) 28 servidores (as) participantes do evento, 12 responderam a avaliação. No que concerne a divulgação, a maioria considerou entre ótima (6) ou boa (4). Sobre a infraestrutura 9 respondeu que foi ótima. Com relação ao lanche, a maioria (10) também avaliou como ótima.

Em relação a organização e execução das atividades propostas 7 avaliou como ótima e 5 como boa. Algumas pessoas teceram comentários: de que houve atrasos na programação e que era necessário haver maior rigor nos horários para o cumprimento das programações propostas.

Em se tratando dos aspectos teórico-metodológicos, na parte do conteúdo a maioria (9) considerou que foi ótimo, bem como na parte da didática (8) considerou e no aspecto da troca de experiências (9). Um dos respondentes elogiou a escolha das palestrantes e dos temas explanados, enfatizando que o encontro fora bastante produtivo.

Quanto aos tempo destinado às atividades, no ponto adequação da carga horária alguns (6)

consideraram ótima e (3) boa. Estes colocaram que foram: Diversas atividades para poucos dias.” “Precisaria de mais dias para aprofundar as temáticas e encaminhamentos.” (Falas dos participantes). No ponto duração do encontro (6) avaliou como ótimo, (2) como bom e (3) como regular, estes comentaram ser necessário mais um dia de evento para melhorar a qualidade dos encaminhamentos.

No que se refere as expectativas para o encontro e integração do grupo. No item integração a maioria considerou entre ótima (6) e boa (5) e um dos respondentes colocou “Todos se esforçaram para compartilhar os conhecimentos e vivências”, em contrapartida também houve um comentário totalmente contraposto a este “Não houve integração nesse segundo encontro.”

Quando questionados (as) se dentre os assuntos tratados, algum não ficou claro 7 responderam Não, 1 respondeu que o regulamento não ficou claro. Perguntamos, ainda, se os (as) participantes sentiram falta de algum tema e foram elencados os seguintes que podem ser trabalhados nos próximos eventos:

- Empoderamento das comunidades quilombolas da região”;
- Comunidades pesqueiras e povos do mar;
- Religião de matriz africana, candomblé, macumba.

Com relação as potencialidades do evento foram elencadas as seguintes:

- Possibilidade de formação de novos NEABIs e construção de documento final;
- Fortalecimentos de lutas e parcerias já existentes;
- Organização do IFCE;
- As palestras.
- As oficinas e a interatividade
- A visita a comunidade
- Palestrantes bem escolhidos

Com relação aos pontos que precisam ser melhorados foram apontados os seguintes:

- A região possuía ricas experiências com comunidades quilombolas que não foram aproveitadas por algum motivo;

- Ausência de apresentação de trabalhos dos pesquisadores e alunos do IFCE;
  - Público pequeno;
  - Pouco tempo para participação;
- Ausência de gestores do IFCE;
- Tempo insuficiente para todas as discussões.

Por fim, pedimos sugestões para os próximos eventos e os respondentes apresentaram as seguintes:

- O encontro ser realizado em três dias para contemplar melhor a fala e o debate de todos os participantes;

- Ampliação da carga horária do evento;
- Buscar maior adesão de servidores do IFCE;
- Buscar maior participação dos gestores e docentes do IFCE;
- Aprofundar as discussões sobre racismo e violência;
- Ser no fim de semana;
- Almoço ser gratuito ou com taxa menor

## 5. OUTRAS FOTOS DO EVENTO

**Foto 13-** Plenária do evento



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

**Foto 11-** Organizadores (as) e colaboradores (as)



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia

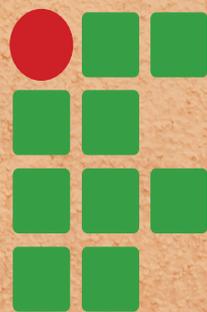
**Foto 12-** Painel do Evento



Fonte: Arquivos do campus de Caucaia







**INSTITUTO  
FEDERAL**  
Ceará